

O carro: marcas da contemporaneidade em análise¹

Francisco José Passos Soares²

Resumo

O carro é no mundo atual um símbolo de status e poder, representando uma extensão da mais primitiva necessidade humana de voar e ampliar seus domínios. Estatísticas de violência e morte, comportamentos individuais e de grupos, e estratégias publicitárias revelam e intensificam aspectos próprios ao narcisismo, ao fetichismo e ao sadismo, de fases muito primitivas e parciais do desenvolvimento da sexualidade infantil. O mundo capitalista, fragmentador, explora essas características da personalidade pondo em evidência um símbolo denunciador no setting analítico de uma impotência fálica.

Automóvel, carro, máquina, viatura, símbolos de status e poder de nossa era, representam para nós o que a carruagem representou para os homens de séculos anteriores, e mais antigamente ainda o cavalo e outros animais representaram: a possibilidade de poupar tempo e esforço, e com isso ampliar espaços para observação, dominação e trocas. Símbolo de progresso, a roda trouxe consigo todos os atributos anteriores e sempre foi associada à evolução, força e poder. Em nosso tempo globalizado e tecnológico o carro associa-se a duas grandes preocupações sociais: velocidade (prazer) e morte, necessitando legislação rígida capaz de disciplinar e punir os infratores, sem com isso abolir e em algumas regiões diminuir as estatísticas de morte ou de sequelas permanentes. Um dos símbolos mais preciosos do esforço tecnológico e científico humano, o carro é também um dos principais desejos de qualquer cidadão que, independente do status financeiro, atinja a adolescência ou a maturidade, e a esse desejo e a

essa conquista ninguém pretende renunciar. Pelo menos enquanto a ciência não tornar materialmente possível outro desejo capaz de desafogar o trânsito caótico atual, resolver o grave problema ambiental da poluição urbana e fazer desaparecer as estatísticas de acidente, a máquina de teletransporte, similar, porém mais avançada do que a simples transmissão das imagens e áudios televisivas que apenas reproduzem, multiplicam uma ação distante satisfazendo apenas às pulsões parciais escopofílica e auditiva. O movimento rápido, a ânsia de voar, sempre esteve presente nos devaneios e sonhos humanos mais primitivos. E é o carro, mais próximo do cotidiano, mais uterino, mais individual e controlável, que realiza esse primitivo sonho humano (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1990, p. 192). O avião em seu formato de pássaro, sua proximidade angustiante de passageiros, a vulnerabilidade de estar sendo guiado por outros em cabine fechada e em velocidade sem nenhum autocontrole nos deixa aprisionados à angústia

¹ Trabalho apresentado na VII Jornada de Psicanálise do GPAL em novembro/2008.

² Pediatra, Professor da UFAL e participante de Grupos de Estudo do GPAL.

do real e nos remete a uma outra simbologia diferente do automóvel.

II

Carro, carruagem, cavalo, roda, cavalo e roda engatados e complementares, viajando em direção à pré-história humana o que encontraremos de mais primitivo e significativo senão o mítico desejo de voar (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1990, p. 192)? Antes da roda, a domesticação de cavalos selvagens serviu aos homens para conquistar e ampliar seus territórios e deleitar-se em passeios e competições. Antes do cavalo esse prazer era provavelmente proporcionado pelo ato de escalar árvores e penhascos, balançar-se entre galhos à procura de frutas e na perseguição de fêmeas e de inimigos para defender ou demarcar territórios. A vida em árvores era necessária também para se defender de predadores. Escalar, pular entre os galhos e árvores traziam proteção e possibilidade de defesa. O desejo de voar estava vinculado à observação de pássaros protegidos de predadores terrenos e ao prazer proporcionado com a simulação de voos entre os galhos e árvores ou até mesmo nos saltos para superar barreiras mecânicas e o vazio descontínuo de terrenos acidentados.

Saltos, corridas em velocidade para se alimentar, para se defender, para atacar, para conquistar, para superar, em todas as situações o prazer estava vinculado à produção de hormônios relacionados ao estresse, adrenalina, cortisol, e na dependência da atividade, ou no início ou no final, à produção de endorfinas hoje reconhecidas como hormônios do prazer e proporcionadores de uma boa noite de sono. Para a caça, a coleta, a defesa, o ataque, a conquista, todos

os sentidos eram aguçados em especial a visão e a audição, e todos os músculos eram mobilizados para a ação. Como seria bom poder voar para fugir dos predadores, tornar-se o predador ideal e ainda deleitar-se com a mais ampla visão e o prolongamento daquele instante em que os músculos são solicitados à ação. Não podendo voar de fato senão arriscando a própria vida, o sono apresentava a solução, mais tarde a arte, a poesia, a mitologia, mais tarde ainda os artefatos mecânicos após a invenção da roda.

Inicialmente, não sendo possível voar nem permanecer sob efeito prolongado do sono, pois estaria vulnerável, à medida que a linguagem foi se desenvolvendo, o homem pôde se retirar para, em isolamento, devanear, dar asas livres ao pensamento e nomear as coisas que percebia e perseguia. A linguagem inaugura o simbólico em novos voos em direção ao infinito, ao impossível. A linguagem coloca em circularidade as pulsões visuais predominantes, conjugando-as às pulsões vocais convidando os músculos à extensão da vontade e da necessidade, à ação coordenada, não mais apenas impulsos. O pensamento, o devaneio inventa a roda que trouxe a experiência equivalente a voar.

Com a civilização vêm os mitos e as viagens míticas simbolizadoras de passagens rituais ao mundo adulto, de identidade de classe e gênero, de evolução e potência, e associadamente de riscos. Homem e cavalo juntos, Ícaro e Pégasus, traduziram o sonho humano de voar: Aquiles com asas nos pés e vulnerável em direção ao sol – as asas de cera, ou anatômicas, apontam para a fragilidade e limites, para a criação de substitutivos aos embalos maternos em suspensão, ao engatinhar, ao exílio edípico e a uma memória coletiva, primitiva e fundante

do pensamento dos primeiros hominídeos (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1990, p. 192).

Andar de quatro como o cavalo e os primeiros hominídeos, com quatro rodas e potência fálica com a força de 16 cavalos - força e velocidade aliados - as condições necessárias para impor o elemento surpresa na luta pela sobrevivência ou fugir.

A produção hormonal relacionada ao estresse após a superação do perigo é seguida de relaxamento. A repetição ou prolongamento dessa sensação não teria como objetivo senão a experiência de onipotência seguida, ao final, de relaxamento semelhante ao que acontece após o gozo sexual? E essa experiência onipotente não traz em si o vínculo a experiências infantis narcísicas masturbatórias? Isso parece mais claro quando observamos o comportamento adolescente em que coincidem as experiências repetidas masturbatórias e todos os derivados desse ato. Dirigir para o adolescente seria vivenciar a experiência do gozo sem a vinculação direta e tormentosa às fantasias incestuosas para alguns e para outros exatamente o contrário. Na vida adulta não seria diferente, visto que o gozo masculino se associa às fantasias onipotentes de dominação e demarcação territoriais reais e simbólicas, e o sexo muitas vezes não passando de uma fricção masturbatória equivalente.

III

O carro é também a roupa social que se veste para demonstrar status correspondente a poder financeiro. A vestimenta do herói, ou uniforme, no entanto, desenhada por outros, não pelo herói, é publicizada para ir ao encontro da falha do herói mítico infantil e mantê-la sempre aberta.

A renovação periódica, geralmente anual, do uniforme é sempre associada a maior potência e velocidade. E em velocidade maior o fabricante anuncia e antecipa a falha com carros sempre revigorados e postos à venda como se correspondessem já a modelos do ano seguinte. O novo já nasce velho e falho. É um convite e um desafio à superação que mantém o indivíduo, apesar do esforço, no mesmo lugar da falha. No entanto, enquanto lhe serve aquele uniforme, o herói sente-se potente e magnífico, nada pode ou deve arranhar a sua imagem construída e evocada simbólica e imaginariamente para funcionar perfeitamente no real. Daí, que arranhões, amassos decorrentes da ação de outros sejam considerados tão ofensivos, e cujas reações geram atitudes de violência que, às vezes, levam à morte, e na maioria das vezes desencadeiam ofensas, praguejamentos e rogos de toda espécie, que se funcionassem reduziram em boa quantidade o volume do tráfego. O outro disputando espaço, potência e velocidade é desafiado e diminuído em sua condição de herói, visto como rival a ser destituído de seu poder quando projetamos nele todos os nossos defeitos e é provocado a demonstrar as suas habilidades. Isso encontra eco em um discurso popular compensatório à potência fálica ameaçada, quando se diz que o que importa não é o tamanho e sim o desempenho.

A roupa é também o que nos cobre, e além da função de proteção contra os agravos externos ambientais, cobre e protege aquilo que na infância nos ensinaram a ter vergonha, e a esconder, dissimular. Protege contra o olhar do outro no que o olhar tem de duplicador de potências: o olho que vê é o olho que é intensificado e reclamado para olhar. O carro cobre e protege, porém

perde sua função e potência se essa invisibilidade não puder conferir visibilidade e admitir o mistério e o desejo. A visibilidade substitutiva e intensificada no real do carro é, porém, atenuada no olhar do outro pela impossibilidade do olhar em direção genital e da ação seguinte, o toque genital ameaçador. Em outra circunstância, também muito comum na atualidade, o carro duplicaria a potência erótica de aproximação para o gozo genital como uma ponte imaginária para o real: corpo e carro sem limites, o corpo erótico fetichizado e reduzido à sua condição de máquina de sexo incompleta e insuficiente, insaciável e impossível ao outro. A intensificação erótica substitutiva denuncia a criação de um espaço em que o erótico só se completaria ali, na impossibilidade do toque ou da genitalização plena, e se realizaria apenas no gozo do olhar distanciado ou do corpo próximo e controlado, reduzido a carne.

Possivelmente, os indivíduos conferem a suas relações o mesmo movimento de aproximação distanciado com predominância de pulsões visuais amplificadas até o ponto em que a potência fálica se reduz ao olhar, ou de intimidade de carnes que não se permitem trocas além do gozo genital controlado. Esse olhar distanciado vê o herói, mas não o reconhece em sua identidade real, pois o uniforme desvia o olhar para uma outra realidade, a do herói distante, impossível, inatingível, perfeito em seu gozo onipotente, uno em sua forma, único, e portanto nem sempre disponível, sempre pronto a se oferecer e negar ao outro desejado e sentido como ameaçador. Falamos de um campo erótico (espaço) de trocas instantâneas e sem possibilidade de gozo. Falamos de um gozo perverso.

Sem roupa, o homem é nu, vulnerável e risível. A roupa cobre e protege também o ânus e suas potências: oficial, de borda e expulsiva, ambas com possibilidade de invasão pelo olhar.

IV

O símbolo, em suas múltiplas faces é produto direto da cultura. “No corpo está simbolicamente expressa a estrutura social” (RODRIGUES, 2006, p. 113) As transformações sociais e o progresso tecnológico que permitem hoje longevidade e mudanças em certos códigos sociais a respeito do que seja infância, juventude, senilidade expandem o imaginário sobre o corpo e suas funções, criando e recriando em mão dupla a própria cultura e seus produtos. A cultura cria o ideal e também seus desvios, que por sua vez, expondo os limites, a angústia, o horror, deslocam e impõem movimentos permanentes de recriação.

Na atualidade, o corpo foi destituído de seu mistério, sendo devassado e exposto, invadido, escaneado, classificado, enxertado, transplantado, substituído, implantado, miscigenado, violentado, reduzido a uma máquina, com valor de troca. Simultaneamente, ao lado dessa condição mutante cibernética, e com a propalada crença no progresso científico — acelerado, ultraespecializado e gigantesco —, ampliou-se a possibilidade da condição alienante. Com tudo pronto, na época do descartável, não é preciso pensar, basta repetir. O imaginário social, renovado pelas marcas de produtos oferecidos diariamente, foi empobrecido, estando o corpo reduzido a carne de máquina, um amontoado de peças mecânicas substituíveis. Carne que vaga pelo mundo sem fronteiras, desfigurando-se no vazio

simbólico cultural dos exílios forçados, recompondo-se na submissão aos códigos culturais dominantes.

Do mesmo modo que o corpo foi transformado em máquina, a antropomorfização dos produtos culturais é um dos códigos do nosso tempo. E os carros, com seus apelos comerciais nos imobilizam na condição de desejantes de mais um implante ao corpo já metamorfoseado no imaginário científico e popular em máquina (CREPALDI, 2005). Na falta de atributos humanos apela-se aos atributos animais que possam preencher ou enxertar as qualidades similares – potência, velocidade, autonomia –, como faziam nossos antepassados, ritualmente incorporando os atributos dos animais ou dos guerreiros rivais que matavam. Desta forma, revive-se, de forma empobrecida, com a marca escolhida, pelas qualidades animais – mustang, corsa, impala, puma, corcel, taurus – e pela potência medida em força/ cavalos – equivalente à onipotência infantil e do selvagem livre, para exercer sua tirania no reino de um homem só.

V

Em o Mal-Estar na Civilização, Freud afirma que

Através de cada instrumento, o homem recria seus próprios órgãos, motores ou sensoriais, ou amplia os limites de seu funcionamento. A potência motora coloca forças gigantescas à sua disposição, as quais como os seus músculos, ele pode empregar em qualquer direção; graças aos navios e aos aviões, nem a água nem o ar podem impedir seus movimentos, por meio de óculos corrige os defeitos das lentes de seus próprios olhos (1977, p. 110) ...

o homem por assim dizer, tornou-se uma espécie de “Deus de prótese” (1977, p. 111). Apenas a renúncia pulsional imposta pela lei levaria à substituição do poder do indivíduo pelo poder de uma comunidade, passo decisivo para a civilização.

Desenvolvendo um raciocínio capaz de estabelecer o conhecimento da indissociabilidade entre pulsões de vida e de morte, capaz de explicar e justificar atos e atrocidades que se modificam ao longo da história da civilização humana, Freud interroga até que ponto o desenvolvimento cultural conseguirá dominar a perturbação da vida comunal causada pelo instinto humano de agressão e autodestruição.

Ao afirmar que “Os homens adquiriram sobre as forças da natureza um tal controle, que, com sua ajuda, não teriam dificuldades em se exterminarem uns aos outros, até o último homem”, Freud parece ali mesmo, em sua época, admitir a fissão do átomo, como o artefato cultural mais próximo correlato de pulsão de agressividade e morte. O átomo, invisível, impalpável, apenas um cálculo, capaz de perturbar e impor demandas, porém também controlável, ligado à própria vontade humana, ao outro, à responsabilidade partilhada.

No espaço social, como no espaço transferencial, os aspectos mortíferos da vontade humana, os desejos, os afetos pulsantes circulam e retornam apaziguados quando a organização social, ou o *setting* analítico abrem-se à criatividade e à intervenção que permitam confortar e brincar.

VI

É nesse espaço transferencial que se abre a via para que haja a circulação de afetos, perceberem-se

os significantes em ação, e o analista possibilite que o indivíduo reintegre aspectos ao self, faça os enxertos da cola anímica de sua própria história e verdade. No *setting* ele regride a fases da infância em que brincava e se sentia como um pequeno deus onipotente, e diante das decepções e frustrações, do ódio e desamparo impostos pelos limites do outro mais próximo, a mãe, ou pelo meio, percebia-se criador de ilusões. No *setting* ele é novamente Deus e com o analista tem a possibilidade de por meio de deslocamentos paradoxais (para avançar é preciso regredir), condensações e outros mecanismos, mover-se no espaço transferencial sempre com esse passageiro incômodo, mas que, à maneira de um instrutor invisível, oferece a segurança e o conforto para a passagem ritual mitológica de reconhecimento, maturidade e harmonia interna com seus desejos.

Com a metáfora do automóvel – ou do self móvel – procuro então compreender o que se passa no tempo em análise. Para Stephen Hawking (2005) o tempo é o único patrimônio que não podemos recuperar; e o tempo passa, e com ele passam os sentimentos. O neném sofre porque não conhece o tempo e pensa ao sentir fome, que vai sofrer para sempre. Esses postulados teóricos atuais, em conjunto com a percepção de que o tempo mudou – com a tecnologia e as mudanças culturais –, oferecem mais desamparo, em reforço à condição alienante, por ampliar a ignorância de si mesmo. No entanto, o tempo analítico, não cronológico, em seu aparente caos, permite não recuperar, mas resignificar e reintegrar-se. Primeiro, com o estranhamento, a desconfiança, a negação, a projeção, para depois reconciliar-se consigo mesmo e com o potencial criador do amor.

A metáfora do carro, ou a presença do carro em análise, em sonhos, fantasias, desculpas para atrasos, etc, parece anunciar elementos correspondentes a estágios muito primitivos do desenvolvimento emocional, em que, para Winnicott (1988, p. 463), há a possibilidade de organização de um falso self, e ao analista a ênfase repousa no manejo, em um *hold* sustentado, às vezes mantendo-se o trabalho analítico em suspensão por longo tempo.

No não tempo em análise, o falo original e irrecuperável em que nos constituímos desamparados e traumatizados é rerepresentado com substitutivos simbólicos (o carro é um deles) carregados de significados que se alternam em seus diferentes sentidos e com outros signos, nas múltiplas sessões, pouco importando se representa isso ou aquilo, no real; sua importância deriva mais das diferentes posições que ocupa como representante fálico, significante, em relação à castração ao longo da via analítica.

Referências

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio Editora, 1990.

CREPALDI, Lideli. **A publicidade no divã: análise psicanalítica dos anúncios televisivos da Chevrolet**. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0723-1.pdf>. Acesso em 12/04/2009.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização** (1930). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

HAWKING, Stephen. **Uma nova história do tempo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu do corpo**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

WINNICOTT, Donald. **Aspectos clínicos e metapsicológicos da regressão dentro do setting psicanalítico** (1954 – 5). 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.